

Emma Watson e a “mulher-objeto”

Marcus do Rio Teixeira

A notícia de que Emma Watson foi criticada por uma foto em que aparece com os seios (parcialmente) à mostra, o que seria (segundo as críticas) uma contradição com seu posicionamento feminista, resume de forma exemplar uma questão de interesse tanto para as teorias que se ocupam do social quanto para a psicanálise. A jovem atriz respondeu prontamente às críticas de forma inteligente, porém o problema que motivou a polêmica continua em aberto. E ele consiste no seguinte: os movimentos que lutam pelos direitos das mulheres consideram, em maior ou menor grau, a posição feminina enquanto objeto do desejo masculino como algo degradante. Essa visão da relação entre um homem e uma mulher, já estruturalmente combalida pela inexistência de um *rapport*, na expressão daquele psicanalista francês, coloca uma dificuldade a mais no próprio laço sexual.

Na verdade, os dois problemas não são estanques: não há como separar a inexistência do *rapport* sexual, que é efeito da própria linguagem, das dificuldades vividas pelo casal e das explicações imaginárias para tais dificuldades. Como diz Lacan em *Televisão*: “O impasse sexual secreta as ficções que racionalizam o impossível de onde ele provém”¹. Ou seja, não se trata de pensar separadamente uma frase esquisita, de um lado e, do outro, a velha realidade cotidiana. Roland Chemama ressalta que *ficção*, aqui, não diz respeito ao erro. “É ficção toda construção languageira pela qual, de maneira mais ou menos direta e mais ou menos manifesta, tentamos suturar a hiância sexual.”²

Assim, as ficções podem mudar com o tempo e com a geografia, mas o real da não-relação do qual elas tentam dar conta é o mesmo. Uma ficção de nossa época seria, talvez, o entendimento do mecanismo do desejo e da relação (no sentido de ato) (hetero)sexual como uma violência. Acerca das consequências desse entendimento, Charles Melman comenta:

“Eu poderia, rapidamente, evocar para vocês a maneira como um jovem, hoje em dia, faz a corte a uma jovem nos Estados Unidos. Como alguns de vocês leram e sabem, é preciso que o jovem não se engaje, não avance no seu gestual, sem obter, a cada etapa, o acordo explícito da parceira. É bem

¹ LACAN, J. *Televisão*. Rio de Janeiro: JZE, 1993, p. 55.

² CHEMAMA, R. *Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano*. PoA: CMC, 2002, p. 295.

evidente que, sem isso, ela poderá sempre recriá-lo por ter exercido sobre ela uma violência absolutamente intolerável, com a qual ela não tinha de modo algum aquiescido.”³

Mesmo considerando-se os casos em que há efetivamente uma violência contra a mulher (hoje em dia você tem que explicar tudo, como se estivesse escrevendo para crianças do século passado, para evitar que algum militante descerebrado o acuse sei lá do quê), a ampliação da ideia de violência para o ato sexual consentido entre adultos é mais do que uma mera excentricidade. O sexual é percebido como um perigo exógeno, um trauma, uma violência vinda do Outro que incide sobre o sujeito. É fácil identificar o autor dessa violência como sendo o homem heterossexual, aquele que toma uma mulher como o objeto do seu desejo. Nesse sentido, uma mulher que se colocasse como objeto de tal desejo seria mais do que alienada, seria masoquista.

A dificuldade para uma mulher contemporânea, como Emma Watson, que desfruta da liberdade sexual conquistada a duras penas e luta pelos seus direitos civis, consiste em conciliar os seus princípios com a consciência de que o semblante de objeto causa do desejo faz parte do jogo sexual mais corriqueiro. Não é preciso recorrer à psicanálise para saber que sem ele, nada feito. E aí? Como conciliar o jogo de sedução com a afirmação de que o lugar de objeto é degradante para uma mulher? Marie-Christine Laznik lembra que: “Com certeza, há feministas para denunciar o que chamam redução de uma mulher a objeto (...) Mas muitas, mesmo não sendo tolas, prestam-se de boa vontade a isso, até mesmo brincam com esse objeto que causa o desejo do parceiro.”⁴ Outra solução possível seria fazer de conta que se ocupa o lugar desse objeto para, logo em seguida, se esquivar do desejante. Funciona, mas... Espere um pouco, essa “solução” já existe há muito tempo! Como é mesmo que Freud e Lacan a chamavam?

³ MELMAN, C. O que me torna violento? (II). In: *A prática psicanalítica hoje*. RJ: Tempo Freudiano, p. 86.

⁴ LAZNIK, M.C. *O complexo de Jocasta*. RJ: Cia de Freud, 2003, p.137.